



IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA

ETHNIC IDENTITY AND RECOGNITION IN THE BOREL COMMUNITY IN ITAGI-BA

IDENTIDAD ÉTNICA Y RECONOCIMIENTO EN LA COMUNIDAD BOREL EN ITAGI-BA

Alessandro de Jesus Santana¹

e483761

<https://doi.org/10.47820/recima21.v4i8.3761>

PUBLICADO: 08/2023

RESUMO

Este artigo resulta de uma pesquisa sobre identidade étnica dos moradores da comunidade do Borel, localizada na zona rural do município de Itagi-BA. O estudo teve um viés hermenêutico, proporcionando uma análise acerca das relações e fronteiras étnicas que permeiam a realidade local. No trabalho adotou-se uma abordagem qualitativa fundamentada no método da História Oral, e quanto aos procedimentos caracterizou-se como pesquisa de campo, utilizando entrevistas semiestruturadas e observações. Participaram como amostragem quatro pessoas pertencentes à comunidade. Assim, os resultados do estudo, respondendo ao problema, apontaram que a origem familiar, o território, o sentimento de unidade e a religiosidade vivenciada no dia a dia são os pontos centrais na construção da identidade étnica entre os moradores.

PALAVRAS-CHAVE: Reconhecimento. Pertença. Relações Étnicas.

ABSTRACT

This article is the result of research on the ethnic identity of residents of the Borel community, located in the rural area of the municipality of Itagi-BA. The study had a hermeneutic bias, providing an analysis about the relations and ethnic boundaries that permeate the local reality. The work adopted a qualitative approach based on the Oral History method, and as for the procedures, it was characterized as field research, using semi-structured interviews and observations. Four people from the community participated as a sample. Thus, the results of the study, responding to the problem, pointed out that the family origin, the territory, the feeling of unity and the religiosity experienced on a daily basis are the central points in the construction of ethnic identity among the residents.

KEYWORDS: Recognition. Belonging. Ethnic Relations.

RESUMEN

Este artículo es el resultado de una investigación sobre la identidad étnica de los habitantes de la comunidad Borel, ubicada en la zona rural del municipio de Itagi-BA. El estudio tuvo un sesgo hermenéutico, proporcionando un análisis sobre las relaciones y fronteras étnicas que permean la realidad local. El trabajo adoptó un enfoque cualitativo basado en el método de la Historia Oral, y en cuanto a los procedimientos, se caracterizó como una investigación de campo, utilizando entrevistas semiestructuradas y observaciones. Cuatro personas de la comunidad participaron como muestra. Así, los resultados del estudio, respondiendo al problema, apuntaron que el origen familiar, el territorio, el sentimiento de unidad y la religiosidad vivida en el día a día son los puntos centrales en la construcción de la identidad étnica entre los pobladores.

PALABRAS CLAVE: Reconocimiento. Pertenencia. Relaciones Étnicas.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma abordagem sobre “As identidades étnicas dos moradores da comunidade do Borel”, comunidade esta, que fica localizada na zona rural do município de Itagi - BA,

¹ Graduado em Geografia pela UniCesumar e Educação Física pela UESB. Especializações em Psicomotricidade, LIBRAS e Ciência da Religião. Mestrando no curso de Relações Étnicas e Contemporaneidade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

cerca de 8 km da zona urbana. E atualmente é composta por oito famílias, derivadas de um único laço parental, sendo um lugar de difícil acesso, com estradas vicinais recentes e sem manutenção.

O Borel é habitado por pessoas pretas, e são vistos por moradores de Itagi-BA como sendo possivelmente remanescentes de quilombo. Na contemporaneidade o termo quilombo consiste em um grupo que desenvolve práticas cotidianas na manutenção e na reprodução de seus modos de vida e consolidação de território próprio (MOURA, 2012). Sendo necessária uma análise mais aprofundada para sua comprovação. Já houve inclusive uma tentativa de reconhecimento por parte de algumas pessoas, representantes da gestão municipal em 2013, perante uma solicitação de apoio à Fundação Palmares, que atualmente é um órgão vinculado ao Ministério da Cultura, onde não obtiveram respostas. Esta solicitação foi encabeçada por uma personalidade política do município, junto com representantes da cultura e estudantes de especialização da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Os moradores do local da pesquisa sobrevivem da agricultura familiar em seus pequenos lotes de terras, valendo-se de ferramentas e conhecimentos dos seus ancestrais. Em função do isolamento e da falta de assistência, em pleno século XXI são alvos de permanentes problemas sociais, ficando vulneráveis em áreas cruciais como: educação, cultura e saúde, o que enfraquece tanto as identidades étnicas, quanto suas relações. E nesse aspecto, sendo ela um lugar tido como quilombo ou não, mas por ser composta por pessoas pretas, carrega todos os traços e consequências da escravidão que durou mais de três séculos em nosso país.

Vários teóricos têm apontado que a escravidão gerou consequências deletérias, inclusive na formação de grupos enquanto unidade. Ocorrendo ainda atualmente a existência da marginalização sobre pessoas pretas por meio do racismo¹ e preconceito. Somando-se a isto, o fato de os membros do Borel apresentarem características coletivas diferenciadas, como tronco familiar e marcadores afro-brasileiros, assim surgiu o objetivo de investigar, tendo a seguinte questão norteadora: Como ocorrem as identidades étnicas dos membros da comunidade? E com isso, buscar contribuições teóricas que pudessem corroborar para estudos posteriores sobre o fortalecimento das fronteiras étnicas, avanço na identificação de aspectos positivos do reconhecimento e da pertença, e também das diferenças étnicas dentro de um mesmo grupo.

Como pressupostos, afirmamos inicialmente que as identidades dos mesmos decorrem do convívio familiar, e das diferenças culturais que foram ocorrendo ao longo da existência do grupo. E na elaboração do estudo, apontamos alguns aspectos da história da Comunidade do Borel, e de uma forma mais precisa a construção das identidades étnicas de seus moradores.

Ao narrarmos facetas da história, tanto da comunidade quanto dos seus membros, precisamente sobre a construção e formação da identidade étnica, se fez necessário nos remetermos à busca de informações sobre os primeiros moradores ou desbravadores da localidade, a partir dos

¹ Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem (ALMEIDA, 2019, p.32).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

quais a comunidade se constituiu. E adiantamos que, do ponto de vista histórico, pontuar sobre o surgimento da comunidade talvez seja o contar e recontar, não só a história da comunidade, mas também do próprio município, que tem como verdade até os dias atuais, uma versão dita por representantes da elite intelectual e política local, de quê todo o processo de desbravamento e colonização da região tenha se dado com a chegada de um sertanejo branco no século XIX. Segundo informações de um texto no site institucional da Prefeitura Municipal de Itagi, publicado em 2019:

No século XIX, emigrou para Itagi um senhor chamado Apolinário Libório Gomes natural do município de Maracás. Quando emigrou para o lugar que hoje chama Itagi, morava no Km4 (município de Jequié). Ao chegar aqui, encontrou muita água e terras férteis. Não tendo recursos financeiros morou debaixo de uma pedra na região conhecida hoje como Frebonia. Alimentava-se de caças e frutas nativas. Percebendo que a região era de frutos retornou à região da caatinga (Jequié) para buscar a esposa e seus filhos. Um deles, Bartolomeu Gomes Marciel, fez algumas roças na região Frebonia. Tempos depois, Apolinário veio a falecer e Bartolomeu deu origem à família Lameu (apelido este devido ao seu nome Bartolomeu). Nos fins do século XIX, num lugar chamado “Carro Quebrado” (hoje km 4), atualmente fazendo parte do município de Jequié morava um homem cinquentenário, de nome Apolinário Gomes, tipo sertanejo, encurvado para frente, rosto curtido pelo sol e forma oval, cabelos ruivos e hábitos constantes de usar chapéu de couro. Apolinário Libório Gomes foi o primeiro desbravador do rio das Pedras, que mais tarde se conheceria como Itagi. 20 anos depois, Apolinário sentiu saudades e vontade de rever as terras que ele desbravou adotando nome daquele riacho. Aqui chegando, encontrou tudo mudado – rústicas estradas, algumas palhoças habitadas por gente desconhecida e muitas roças de mandiocas. Visando a sua propriedade que ainda o esperava, existia uma fazenda de nome Jatobá e vizinho a esta, a fazenda Itagi – antigo Rio das Pedras – dando origem à sede do atual município. Depois de vários donos a Fazenda Rio das Pedras foi adquirida pela Firma Comercial Magalhães & Cia, já com a denominação de Itagi; nome dado por Teodoro Sampaio. Anos depois a Fazenda Itagi foi elevada à categoria de Vila, pertencendo ao município de Jequié.

Cabe salientar que não se encontra nenhum registro documental ou científico que aponte para a veracidade das informações relatadas sobre a história dos desbravadores iniciais do município. Mas o que se escuta em vários cantos da cidade é que existe um povo da zona rural que são quilombolas. E esse povo ao qual se referem são exatamente os moradores da comunidade do Borel. É como se já estivesse no inconsciente popular, que eles estão ali desde sempre, e que chegaram a Itagi fugidos de alguma fazenda ainda no período do escravismo, que findou com a Lei Áurea em 1888.

Esse trabalho acaba sendo um instrumento que traz como narrativa detectada no processo de construção da pesquisa, a possibilidade dos primeiros moradores da comunidade do Borel terem chegado à região como escravos fugidos no período da escravidão, ou no mínimo logo após a extinção legal desta prática. O que de certa forma seria, o que chamaríamos de segunda versão da história do surgimento do município, só que dessa vez numa perspectiva negra, ou seja, teríamos que repensar a história que sempre foi propagada pela elite intelectual e política, e desta vez colocando como central, ou no campo da possibilidade, uma segunda versão.

Uma das moradoras mais antiga da comunidade relatou em uma conversa informal que os pais dela diziam ter vindo do Norte e que chegou às terras que se configura como município de Itagi-BA na atualidade, percorrendo todos os cantos da localidade, até se instalarem na região que hoje é conhecida como Borel. E continua dizendo que sua irmã, que morreu com mais de 100 anos de



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

idade, sem saber precisar a data do nascimento, pois tiraram documentos já na fase adulta, chegou em Itagi ainda criancinha e que nasceu durante as andanças dos pais e um tio pelas matas da região, até se instalarem no local, campo de nosso estudo.

Ao dizer que os pais vieram do Norte e não sabendo identificar se foi o norte da Bahia ou do Brasil, deixa uma lacuna importante, não para descartar a possibilidade dos primeiros moradores de serem fugitivos de alguma propriedade, mas para no campo da reflexão e do dar sentido à história contada, afirmar que podem ter vindo do norte da Bahia, ou entrando no estado, vindo de Sergipe, Alagoas ou Pernambuco, que inclusive, foram nesses dois últimos uma das maiores incidências quantitativas de pessoas pretas que fugiram para as matas, formando quilombos como o de Palmares. Sendo essa localidade, ponto de onde muitos negros e negras fugiram por causa dos ataques planejados a mando do governo da época, se espalhando por diversas regiões do Nordeste.

É de fundamental importância relatar esses pormenores de como a comunidade surgiu, por entender estar talvez diretamente ligada não só a história do surgimento do próprio município, quanto na construção da identidade étnica dos moradores da localidade, pois assim, passa a existir a possibilidade dos moradores do Borel serem remanescentes quilombolas, alinhados com o histórico de escravidão do país.

Outro ponto relevante é o fato de ter chegado à região, quatro pessoas, uma mulher, dois homens e uma criança (menina), informação relatada pela moradora com mais idade da comunidade, e ser a partir desse arranjo que se deu o crescimento demográfico da localidade, o que aponta para prática de relações conjugais entre parentes. Sendo similar às postulações de Clóvis Moura, escrevendo sobre a sociologia do negro brasileiro e relatando as circunstâncias e existência de poligâmias e poliandrias² na dinâmica das relações conjugais no Quilombo dos Palmares, quando diz, "Calcula-se que para cada mulher havia três ou mais homens, com variações regionais. Este fato irá refletir na composição, por sexos, da população palmarina, com desequilíbrios evidentes na organização familiar" (Moura, 1988, p. 174). Reforçando ainda mais o nosso desejo de compreender como se dá a identidade dos moradores diante de toda essa carga histórica e de proximidade relacional de corpos.

A possibilidade de serem remanescentes quilombolas, apresentarem características negroides e relações conjugais parentais vem gerando estigmatizações aos membros da comunidade espaço de investigação. Justificando a pesquisa, que entendendo a construção da identidade étnica, pode colaborar para dirimir os efeitos negativos da interpretação história sobre o corpo social específico e seus membros, proporcionando o fortalecimento da etnicidade e da pertença.

O tema e a questão que norteou o estudo nos remetem a uma reflexão maior e não apenas referente à identidade étnica, mas também histórica da comunidade, que pelas suas complexidades, só poderão ser elucidadas com uma abordagem interdisciplinar e direcionadas para as demandas específicas, tanto históricas, quanto social. É necessário evidenciar esse aspecto, pois, como nos

² Regime, observado em sociedades matrilineares, no qual diversos homens, em geral irmãos ou primos, participam da posse de uma mesma mulher (DICIO – Dicionário Online de Português/ <https://www.dicio.com.br/> Acessado em: 10 de Agosto. 2022)



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

aponta Morin (2000, p.12), “[...] a história deve ser concebida em toda a sua riqueza multidimensional, porque ela não é apenas constituída por acontecimentos, crises, bifurcações, mas também por mentalidades, processos econômicos e costumes”. Carecendo ser pensado e estudado por profissionais de diversas áreas.

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

A pesquisa norteou-se na abordagem hermenêutica, que segundo Geertz (2014) é o entendimento do entendimento, sendo “[...] o estudo interpretativo da cultura um esforço para aceitar a diversidade entre várias maneiras que os seres humanos têm de construir suas vidas no processo de vivê-las” (IBIDEM, 2014, p.22). Assim, o que se tem é uma descrição considerando o contexto, dando o sentido necessário por nós enquanto pesquisadores.

A tarefa da hermenêutica é reconstruir o conjunto das operações pelas quais uma obra se eleva sobre o fundo opaco do viver, do agir e do sofrer para ser dada por um autor a um leitor que a recebe e assim, muda o seu agir (Ricoeur, 1994). Configurando, portanto, como essencial a função do pesquisador de determinado acontecimento, na medida em que, com responsabilidade e ética, seguindo a metodologia científica produz conhecimentos fundamentados na realidade prática dos grupos étnicos como o focalizado neste trabalho.

Com o a intenção de atingir os objetivos propostos, o tema em questão, que foi abordado sob o enfoque da pesquisa qualitativa, utilizou o procedimento da pesquisa de campo, e como método de investigação a História Oral, por envolver falas, sentidos e significados nas ações e relações entre as pessoas envolvidas. José Carlos Sebe Bom Meihy, sobre os desafios da história oral no Brasil, diz: “Nesse sentido, cabe considerar que chamamos história oral os processos decorrentes de entrevistas gravadas, transcritas e colocadas a público segundo critérios predeterminados pela existência de um projeto estabelecido” (Meihy, 2000, p.85). Sendo isso, uma forma de assumir uma função importante, pois mostra o potencial crítico da História. O mesmo teórico e obra, ainda coloca que a história oral é uma alternativa que dá voz aos grupos silenciados. O que contribui em nossa compreensão, na resistência às opressões.

Para Albert (1990), História oral é um método de pesquisa histórica, antropológica, sociológica que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos, conjunturas e visões de mundo. Produzindo narrativas orais, que são das memórias e da identidade, pois o entrevistado mostra como ele vê a si mesmo e o mundo, e como é visto por outro ou por uma coletividade (Silveira, 2007). Sendo importante valorizar e fomentar esse aspecto metodológico. E como instrumentos foram utilizados observações e entrevistas semiestruturadas, aplicadas com moradores do Borel.

DIALOGANDO COM OS DADOS

Decidimos nomear as quatro pessoas participantes na pesquisa com as letras **A, B, C e D**, para que houvesse a preservação diante de possíveis observações e interpretações equivocadas por parte dos moradores do entorno e da zona urbana.

RECIMA21 - Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

Os colaboradores entrevistados se autodeclaram como pretos e afro-brasileiros, ou seja, descendentes de povos africanos. Embora a ancestralidade possa determinar a condição biológica com a qual nascemos, há toda uma produção social e política da identidade étnica no Brasil. Assim, a construção da identidade étnica decorre de estruturas de contato com outros, parecidos ou diferentes na forma de vivenciar as produções culturais. O que vai de encontro com o defendido por Poutignat; Streiff-Fenart (2011) de que as diferenças étnicas não dependem de uma ausência de interação, pelo contrário, são fundações englobantes. Assim, depreende-se que o contato com pessoas e grupos diversos colabora na noção de pertencimento.

No que diz respeito às respostas espontâneas dadas pelos entrevistados acerca da identidade étnico-racial e qual ou quais características os diferem de outros. A resposta do participante **A**, por exemplo, foi “Eu me considero dessa cor merminha, o que a gente pode fazer é considerar preto. Sou um africano no Brasil e o branco veio de outros lugares”. Conforme exposto, a identidade étnica desse morador está diretamente associada ao seu caráter mais evidente, que é a cor da pele e a referência biológica de pessoas vindas da África como escravos. Elementos que se constitui inclusive na caracterização e consequente diferenciação dos membros da comunidade de outras regiões rurais do município de Itagi.

Considerando o que foi observado no local do estudo e a diferença objetiva percebida pelo colaborador **A**, a identidade étnica pode ser construída no marco de características físicas, passando a ser um aspecto da vivência tanto estrutural quanto cultural entre os membros. Sendo através do contato entre os diferentes grupos, ou entre “nós” e “eles” que tudo é percebido, podendo como possibilidade, haver reformulação na construção das fronteiras de contatos mais amigáveis. Mas, infelizmente o que se nota na atualidade é a existência de fronteiras étnicas diametralmente opostas, conflituosas e de desrespeito para com os membros do Borel.

“A fronteira étnica canaliza a vida social” (Poutignat; Streiff-Fenart, 2011, p.196). E Silva (2014), assevera que cruzar fronteiras é mover-se livremente entre territórios simbólicos e não respeitar os sinais que demarcam os limites das diferentes identidades. Segundo o mesmo autor, afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, e fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica de fora” (Silva, 2014, p. 82). Quem é deixado de fora e parte da constituição do dentro. Nesses termos, mesmo convivendo com pessoas diferentes em vários aspectos, afirmamos uma identidade específica.

A identidade étnica é entendida aqui como marcador importante da diferença frente a outras pessoas que não pertencem a um agrupamento específico e que não compartilham nenhum aspecto do modo de viver. Segundo O’Dwyer (2002, p.16), “[...] a afiliação étnica é tanto uma questão de origem comum quanto de orientações das ações coletivas no sentido de destinos compartilhados”. Surgindo assim os encontros e desencontros identitários.

A construção da identidade nessa premissa, leva em consideração a origem comum, que se caracteriza pelos aspectos biológicos subjacentes a afrodescendência, como a cor da pele, mas que também é construído através das formulações que ocorrem dentro de cada grupo que vivencia os contatos e compartilham modos de vida, cultura e tradições, vistas como essenciais para a dinâmica



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

da comunidade do Borel. A fala deles, principalmente em momentos informais, como o dito por um dos moradores sobre o que acredita a respeito de religião nos confirma esta premissa “já veio tudo dos antepassados” evidenciando que as práticas realizadas na comunidade são ancestrais, sendo elementos que servem de ligação entre o hoje e o ontem.

Existe um sentimento de dever, presente nos moradores do Borel, em manter viva a tradição deixada pelos seus ancestrais sobre o místico relacionado à proteção espiritual das casas. O participante **D** expôs que “todo mundo aqui aprendeu a proteger as casas das coisas ruins”. O que torna a comunidade singular em face de outras. Cabe salientar que preservar qualquer aspecto cultural, religioso ou de outro tipo, não significa ausência de mudanças estruturais. Cohn (2001) afirma que a cultura não deve se manter em uma suposta integridade; o que deve ser preservado é sua diferenciação em relação às outras, e as fronteiras são traçadas nos contextos. Cohn (2001), ainda assevera que as dinâmicas sociais e culturais não atentem apenas às tradições, mas também à inovação. Não negando as mudanças que ocorrem ao longo do tempo.

Apesar da comunidade do Borel ser uma região de zona rural esquecida pelos órgãos públicos do município, pois ali residem jovens que não frequentam escolas por conta da distância da zona urbana e das péssimas condições das estradas vicinais de acesso, com o atendimento na área da saúde praticamente inexistente, e também, sendo seus membros alvos de inúmeros tratamentos pejorativos por parte de pessoas externas a comunidade, mesmo assim eles continuam não tendo vergonha de afirmar a identidade étnica e racial ao qual pertencem. Mas algo que fica evidente diante de tamanha dificuldade, dado as condições que vivenciam é a relação de desigualdade. “Quando um grupo étnico controla os meios de produção utilizados por outro grupo, prevalece uma relação de exploração e estratificação” (Poutignat; Streiff-Fenart, 2011, p.211). O que concordamos, sendo este um aspecto a ser observado, tanto por eles quanto por representantes governamentais nas diversas instâncias.

Estudiosos como Calheiro e Stadtler (2010, p.138) colocam que: “A assunção de uma identidade, antes mesmo de garantir direitos e atenção governamental específica, permite ao indivíduo associar-se a um grupo e colocar-se de outra forma perante a sociedade”. O que pode dirimir de certa forma os efeitos negativos da relação de poder vivenciadas entre os diferentes grupos étnicos. Poutignat; Streiff-Fenart (2011) vão dizer que as relações interétnicas que sempre observamos implicam múltiplos processos cujo efeito transforma a identidade individual e grupal, modificando outros fatores na situação. Desta forma, condições financeiras e sociais podem enfraquecer ou fortalecer as identidades, assim como, as fronteiras étnicas.

A identidade étnica percebida pelos próprios membros da comunidade pode contribuir nesse processo de superação de dificuldades, que nos parece singular, na medida em que, seja necessário conciliar aspectos históricos e culturais, com as condições práticas na atualidade. Oliveira (1976) coloca que as representações coletivas ou as identidades étnicas somente serão inteligíveis à condição de serem referidas aos sistemas de relações sociais que lhes deram origem. Sendo a história dos antepassados, assim como as práticas místicas e culturais fontes significativas de experiência e resistência de um povo.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

Segundo Oliveira (2000), a identidade é um fenômeno cuja inteligibilidade requer contextualizá-lo no interior das sociedades que o abrigam. Ademais, sobre as questões relacionadas à identidade étnica, de fato o que se observa tanto na comunidade do Borel, quanto no país são recorrências de oposições as diferenças. Sendo a aparência e ascendência étnica, como já explicitada, marcadores observados nos contatos. E a comunidade pontuada nestas tessituras, vista como remanescente de quilombo ou não, mas pelo fato de ser composta por pessoas pretas, que viveram e ainda vivem a margem da sociedade enquanto possuidores de direitos merecem nossa atenção enquanto pesquisadores.

Na atualidade, ainda há diversos agrupamentos rurais e urbanos que podem se caracterizar como quilombolas, que não necessariamente mantem as mesmas características dos quilombos que se formaram a partir da escravidão em terras brasileiras. Contudo, apesar da comunidade do Borel ser suspeita de caracterizar-se como remanescente de quilombo, provar não é o foco do nosso trabalho, mas sim, trazer à tona os seus modos característicos de constituir-se enquanto sujeitos étnicos possuidores de um lugar que os materializa enquanto tais.

No que concerne aos conflitos étnicos vivenciados pelos membros da comunidade, já se espera, apesar de não se recomendar, pelo contrário, repudiar, a existência de mecanismos nas práticas e discursos individual ou coletivo que tendam a diminuir o outro por seus traços físicos ou herança étnica. Segundo, Oliveira (2000) a sociedade é estruturalmente segmentada em etnias e grupos raciais. Assim, estar unido enquanto grupo ou comunidade étnica se faz necessário para o alinhamento na defesa dos direitos, do patrimônio físico e também cultural. Mesmo com a pluralidade de identidades possíveis. Segundo Hall (2006) na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se expandem, somos confrontados por uma multiplicidade de identidades. Desta forma, a transformação da identidade está atrelada com processos subjetivos, mas também a mecanismos de contato com pessoas e grupos diferentes.

Dos quatro participantes que responderam a respeito de aspectos interpessoais e interétnicos, três relataram nunca ter morado fora da comunidade. Apenas uma disse ter passado cerca de um ano, entre 2018 e 2019, trabalhando como empregada doméstica no município de Jequié, BA, que fica a 50 km de Itagi. De uma maneira geral, pelos relatos durante a realização da pesquisa, essa não é uma realidade que se aplica para o maior quantitativo dos membros do Borel, pois os que estão na atualidade residindo na comunidade, em sua grande maioria nunca viveram fora. O que se pressupõe ser os aspectos culturais vivenciados internamente um dos definidores das identidades dos entrevistados.

A informação que todos os entrevistados passaram é que tem mais pessoas naturais do Borel vivendo em outros lugares, do que os que restaram na comunidade. Sendo que o êxodo geralmente se dá por conta da falta de emprego, já que seus lotes não têm como produzir alimentos suficientes por serem de tamanhos reduzidos, não chegando à metade de um hectare por família. Na perspectiva de Stuart Hall (2003) a pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades podem forçar as pessoas a migrarem, o que causa espalhamento, dispersão. Interessante é que muitos dos membros da comunidade, mesmo não morando na localidade, permanecem donos da terra de forma



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

compartilhada com os que ficaram sem nenhuma perspectiva de venda a outrem. Situação constatada naturalmente nos diversos diálogos com os colaboradores do estudo e outros moradores.

Sobre os moradores que permaneceram, percebe-se uma ligação muito forte com território no qual foram criados. Na fala dos entrevistados notou-se que comunidade foi e é fundamental na constituição da identidade étnica. O participante **A**, ao ser perguntado como foi educado, disse “fui criado pelo mundo com as irmãs, ficamos na casa de um e na casa de outro, sem sair para canto nenhum, morando só por aqui mesmo. Fui criado com o povo da comunidade ajudando”. A referência de vida para **A** é estruturada tendo o próprio território como balizador de suas relações e definidor de sua identidade.

Quando ele diz que viveu pelo mundo, porém morando sempre no mesmo território, ou seja, na própria comunidade, expressa a sua intrincada ligação com a localidade, a ponto de o Borel ser o seu mundo. O que confirma o pensamento de Hall (2006, p. 62) ao dizer: “A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais: língua, religião, costumes, tradições, sentimento de lugar, que são partilhados por um povo”. Assim, compartilhamento de cultura, tradições e o local de vivência podem gerar sentimento de pertença e definir identidades. Sendo confirmado em um contato mais pleno com membros do local. “É em situações mais globais de relacionamentos que aparecem as singularidades tanto da identificação quanto da diferenciação” (Santana, 2022, p. 4). Nessa perspectiva, a identificação surge nas múltiplas relações.

A comunidade do Borel está localizada em meio à vegetação nativa e plantio de bananeiras, jaqueiras e abacateiros, tendo um verde característico por pertencer à faixa do bioma Mata Atlântica. Fica no encontro de topos de morros, tendo uma fartura hídrica significativa, pois alguns olhos d’água afloram na localidade.

Figura 1 – Comunidade do Borel em meio à vegetação vista de uma parte mais alta



Fonte: Própria (2021)

Outro ponto que merece destaque nesta análise é o formato colaborativo que a comunidade vivencia ao longo da existência, onde o cuidado com as crianças é quase sempre compartilhado entre os membros, a depender da necessidade. Contribuindo na estruturação familiar que se faz presente na identidade grupal e individual.

O participante **B**, ao responder o mesmo questionamento sobre como teria sido instruído na comunidade, responde “sempre me deu”, como se não conseguisse separar a educação recebida dos seus pais, e a que é estruturada no formato colaborativo existente entre os membros do Borel. Já a



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

participante **C** respondeu, “Agente ficava mais dentro de casa e trabalhava na roça e ia para a escola e voltava, era isso. Estudei até o primeiro ano” (primeiro ano do Ensino Médio). A participante **C**, foi a única, das quatro pessoas colaboradoras do estudo, que teve oportunidade de morar fora da comunidade e também de prosseguir um pouco mais adiante nos estudos, os outros três, um é analfabeto e dois não concluíram a etapa do ensino fundamental II.

O colaborador **D**, sobre como foi educado na comunidade responde, “com muito trabalho para conseguir viver e estudei até o 6º ano do fundamental”. Assim, nas falas dos dois últimos percebe-se que a vida na comunidade se configura para seus moradores como uma condição impeditiva a educação formal, pela distância da zona urbana, conseqüentemente do ambiente escolar, mas também pela dificuldade de sobrevivência, dado a necessidade de trabalhar para conseguir alimentos. Sobre isso, Oliveira (1976) expõe que as condições de existência são geradoras da identidade. O que concordamos se levamos em consideração as informações colhidas e percebidas na comunidade do Borel.

Dois dos entrevistados tem filhos e disseram não educar da mesma forma que foram criados. O participante classificado como **A**, chega a dizer, “meus filhos viveram e vivem melhores do que eu, pois tomaram leite e comeram maizena quando crianças, já eu, tinha que todas as tardes procurar pedras para matar ratos do mato para comer”. Aqui, podemos constatar na fala do participante, que no período da pesquisa estava com 56 anos de idade, que a vida na comunidade do Borel não foi nada fácil, tendo o mesmo que por vezes alimentar-se de ratos para continuar sobrevivendo. E conta como avanço, o fato dos seus filhos terem passado por melhores situações por tomar leite e comer maizena quando criança, coisa que ele não teve.

Em um dos blocos da primeira etapa da entrevista, respondendo sobre como eles se descrevem, o colaborador **A**, Expõe:

Eu sou um cara trabalhador e vivo da roça, lutando para comprar meu fatinho, é só isso, porque, você sabe, se o cara não trabalha não come. Eu sei que é em tudo quanto é canto, mas tem uns cantos mais difícil do que outros. Porque tem lugares com muitas fazendas, e aqui é tudo distante. Para ganhar vinte ou trinta conto, você tem que ir lá para Valdelice, no Pau Brasil, desse mundo assim, porque ao redor não tem nada para você fazer. Aí eu, como sou um cara inteligente, planto meus pezinhos de banana para na hora de minha precisão.

O participante **B**, se esquivando para não responder disse, “não tenho muito para falar não, só sei que passei muita dificuldade”. Já a participante **C** disse “sou muito conhecida na região”. E nesse caso, com situações que presenciamos e também com relatos de moradores próximos, cabe expor para que possamos compreender por qual motivo a participante **C** é tão conhecida. Sendo a mesma, uma jovem que anda nas estradas sozinha indo à zona urbana ou retornando de lá, quase sempre altas horas da noite, numa distância de mais ou menos 8 km, desta forma, é evidente que todas as pessoas da região, de certo a conhece, ou já ouviram falar dos seus feitos.

Uma senhora da zona urbana, que tem um sítio próximo à comunidade do Borel, relatou que: “Ela sempre anda a noite, indo ou vindo da cidade, e às vezes passa em frente do meu patrimônio por volta das 23, 24 horas da noite, principalmente retornando da cidade”. Segundo essa senhora, o



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

mais surpreendente é que as pessoas passam de carro ou de moto e não oferecem carona, não param para ajudar a moça. Pensamos até que ela prefere andar esse horário justamente para não se deparar com muitas pessoas.

Certo dia, ao deslocarmos da zona urbana para a comunidade do Borel, numa tarde, com objetivo de pegar as assinaturas do termo de uso de imagem, ao retornarmos para a zona urbana, por volta de 19 horas, já chegando próximo da cidade, encontramos a participante **C**, na estrada em direção ao Borel. Ela levaria mais de 3 horas para chegar até a comunidade. Estava caminhando segurando uma vara maior que sua própria altura, de calça, com uma saia por cima e de lenço amarrado na cabeça. Estávamos de motocicleta e nós oferecemos para levá-la até a comunidade, ela ficou com vergonha, mas aceitou.

Na solicitação de fala sobre comportamento e jeito de agir, se foi ensinado por alguém da família ou comunidade? O participante **A** expõe:

Rapaz, meu jeito de agir, para chegar aos 55 anos, foi por minha cabeça mesmo, mas a gente sempre aprende com os mais velhos do nosso povo, porque eu não tive pai bom, o pai era daqui, mas só que era esse tipo assim, que, era uma pessoa que não judiava da gente, e mãe que eu nunca tive, eu tive mãe, mas não alcancei viva. Agora, para chegar aos 55 eu sempre fui por minha cabeça mesmo, sabendo o que é bom, e o que é ruim.

O participante **B**, respondendo a mesma indagação coloca que, “quem contribuiu no meu comportamento e jeito de agir foi minha mãe e a turma da comunidade, todo mundo contribuiu um pouquinho”. Já a participante **C**, respondeu de pronto, “a comunidade contribuiu no meu comportamento”. E o participante **D**, mesmo resistindo a responder, afirmou “Minha mãe, todo mundo aqui”.

Na pergunta sobre aspecto da religiosidade, o colaborador **A** diz “não pratico nenhuma religião e não falo desse assunto com ninguém” O participante **B** diz admirar a religião católica, e afirma “passei a admirar por causa de minha mãe que já faleceu”. Já os colaboradores **C** e **D** afirmaram não praticar nenhum tipo de religião

Foram perceptíveis algumas contradições nas falas dos colaboradores, pois havia sempre um desvio do assunto e uma tentativa frequente de querer deixar evidente a neutralidade religiosa no bojo tanto da individualidade, quanto da coletividade. O que não anula as vivências práticas nesse aspecto. Essas sim, visíveis até aos estranhos que chegam para visitar a comunidade.

O que se notou na etapa de observação, foi uma presença forte da religiosidade, principalmente fundamentado no sincretismo, tendo símbolos do candomblé e da religião católica como protagonista na prática diária. Como exemplo, quase todas as residências, em frente as suas portas de acesso tem plantas como arruda e espada-de-são-jorge, que eles acreditam espantar o mau olhado. Outro símbolo bastante comum é a ferradura de animal pendurada ou cravada na porta principal. E em conversa com um dos moradores, explicou que o objetivo é proteger a casa dos maus espíritos.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

Figura 2 – Ferradura de animal cravada em porta



Fonte: Própria (2021)

Os moradores da comunidade do Borel utilizam de maneira frequente a cruz desenhada em carvão na parte superior acima da entrada das portas dos quartos. E ao ser perguntado sobre o significado da cruz neste ponto específico da residência, o participante **B** diz: “Aprendi fazer isso com minha mãe, que dizia que quando a gente faz a cruz na porta do quarto, a gente fica protegido pelos anjos enquanto a gente dorme”.

Figura 3 – Cruz feita com carvão na entrada do quarto de uma residência na comunidade do Borel



Fonte: Própria (2021)

Apesar dos participantes serem resistentes em citar sobre a religiosidade que vivenciam, e muitas vezes até negar que praticam alguma em específico, não deixa de ser evidente no dia a dia dos membros da comunidade, tendo em vista que são símbolos que se fazem presentes em todos os ambientes. Isso, em nossa compreensão pode demonstrar não uma situação de medo em expor a religiosidade, mas de proteger algo que os fortalece e que se configura como um dos aspectos centrais na definição da identidade étnica. Em muitas situações todas as possibilidades podem entrar em jogo do poder, principalmente quando se trata da questão religiosa (Bispo, 2011). Assim, a não exposição oral da religiosidade aos estranhos pode ser uma estratégia de força entre os membros.

De forma abstrata, enxergamos a religiosidade como algo que pode por parte dos moradores da comunidade do Borel definir quem pertence ou não ao grupo. Assim, concordamos com Silva (2004, p.82) quando diz: “A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam sempre, as operações de incluir e de excluir”. O que equivale à localização do outro, assim como a definição de si enquanto ser pertencente a um grupo específico e possuidor de símbolos como os religiosos e características coletivas. A autodefinição e a definição do outro têm funções conhecidas: a defesa da



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

unidade do grupo, proteção do território contra inimigos externos, interesses econômicos e políticos (MUNANGA 1994). Sendo a afinidade de características uma maneira de simetria e fortalecimento do grupo. Desta forma, compreendemos ser a religiosidade, um dos aspectos balizadores na estruturação histórica da identidade étnica entre os moradores.

Em uma conversa descontraída, o participante **B** afirmou que, no passado, seu bisavô, junto com outros antigos moradores faziam rezas, ladainhas e sambas, além da devoção ao Bom Jesus e Cosme e Damião, comemorado sempre entre os meses de setembro e outubro. E afirma, “meu pai dizia que era tudo com muito respeito e todos ajudavam para fazer às rezas”. Coletividade, a solidariedade, o respeito, a hierarquia familiar, os festejos e rituais sagrados estão imersos em formas simbólicas (Thompson, 2011). Um dos relatos mais impressionante sobre religiosidade ou espiritualidade foi dito por este colaborador;

Faz uns três anos que estou morando com meu irmão e com minha irmã nesta casa, e antes a gente morava em outra casa que ficava mais acima (neste momento aponta para uma parte mais alta da comunidade). Saímos de lá porque a casa de vez em quando pegava fogo do nada. As coisas de casa começavam a queimar, e depois de muito acontecer, minha mãe, que ainda estava viva decidiu sair. Então construímos essa casa e deixamos a outra. A última vez queimou tudo que estava no meu quarto, até um dinheiro que estava juntando para comprar uma moto (Participante **B**).

Em conversa que tivemos com o esposo de uma mãe de santo do município de Itagi, ele relatou que a esposa dele (Mãe de Santo) chegou a ir nesta casa que pegava fogo para fazer alguns trabalhos de limpeza, mas que pelo jeito não conseguiu resolver. Ainda disse, “chegamos a ir de noite para tentar ajudar aquela família, limpar a casa”. O fato é que, por conta desse acontecido, quatro a cinco famílias, que moravam nessa parte mais alta do Borel, abandonaram suas casas e construíram outras na parte mais baixa da comunidade ou foram morar na zona urbana. Alguns associaram o ocorrido aos demônios, atribuindo culpa as divindades afro-brasileiras, o que diverge da realidade, pois as entidades espirituais das religiões de matriz africana não são tidas como inimigos e maus.

Figura 4 – Casa abandonada na parte alta do Borel



Fonte: Própria (2021)



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

Figura 5 – Outra casa abandonada após eventos que assustaram os moradores



Fonte: Própria (2021)

Diríamos que, apesar da negativa, a religiosidade é determinante na caracterização de identidades na comunidade, não podendo, contudo, ser ignorada nem relegada, pois os símbolos religiosos são bem presentes no fazer prático das famílias da localidade. Assim, o sistema de crenças revela a construção de uma relação com códigos religiosos vivenciados de forma comunitária. A transcrição de algumas narrativas místicas ditas por colaboradores durante o trabalho de campo foi significativo em termos de fundamentos da ocupação da terra, da construção da territorialidade e principalmente das identidades individuais e de grupo.

Na tentativa de desvelar relações internas dos participantes na comunidade e a importância desta na construção da unidade coletiva e identidade étnica, foi perguntado sobre como é a vida no Borel. O participante **A**, expõe que “para viver aqui, tem que trabalhar, para não pegar nada de ninguém e comprar o fatim (vísceras de boi e porco). Onde tem biscate eu vou”. O que se observa nesta fala, e que já foi pontuado em outro momento é que a comunidade não proporciona meios de sobrevivência de forma a contribuir para que haja qualidade de vida e suprimento das necessidades básicas. Isso pode ser confirmado na fala do participante **B**, que respondeu ao mesmo questionamento, dizendo:

A vida na comunidade é de muito trabalho, saio cedo, pois o serviço é muito distante e vou montado em um burro até lá, que é uma hora e meia de percurso. Aqui não tem muita coisa para fazer, e quando estou aqui, faço algumas coisas, como cuidar dos meus cachorros e limpar a beira da casa (Participante **B**).

A participante **C**, disse que a vida dela na comunidade é cuidar da casa e do seu filho, que tinha um ano de idade no período da pesquisa de campo. Já o participante **D**, expõe: “trabalho quando acho alguma coisa e quando não acho, fico por aqui”. Perguntamos se o trabalho que ele encontra é de ganho nas fazendas da região? Ele disse que sim.

Outro questionamento presente no roteiro da entrevista semiestruturada foi se os participantes reconhece a comunidade do Borel como uma unidade que faz parte da história individual de cada um? A resposta do participante **A** foi: “Rapaz, eu acho que sim, porque na realidade o povo aqui é tudo parente, então esse sentimento eu tenho”. Configurando assim, um marcador da pertença. A percepção de pertencimento ao grupo se dá na socialização (Oliveira,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

2004). É no contato com os membros da comunidade e com pessoas da região, assim como da zona urbana, que surge a identificação e unidade.

O participante **B**, disse, “claro que reconheço a comunidade como se fosse uma unidade, nasci e me criei aqui né, faz parte de mim”. A participante **C** não percebe a comunidade como uma unidade. Já o participante **D**, disse que sim, e afirma “a comunidade é uma unidade, faço parte de tudo isso, então isso me faz também”. Ao usarem aspecto da identidade étnica para caracterizarem a si mesmos eles estão sendo étnicos no que se refere à organização grupal (Barth, 2011). Poutignat; Streiff-Fenart (2011) afirmam, que os grupos étnicos apesar das modificações culturais nunca deixam de delimitar uma unidade contínua. É justamente o que se percebe na Comunidade do Borel, que ao longo dos anos veio se reconfigurando, principalmente no que se refere às práticas culturais, mas que ainda mantem um sentimento forte de unidade. Assim, podemos concordar que: “Os grupos étnicos persistem como unidades significativas apenas se implicarem marcadas diferenças no comportamento, isso é, diferenças culturais persistentes” (Poutignat; Streiff-Fenart, 2011, p. 196). Sendo necessária a continuidade das diferenças nas diversas práticas simbólicas.

Compreendemos que o sentimento de unidade entre os membros da comunidade do Borel, é algo que baliza e direciona as identidades étnicas construídas internamente, fazendo com que haja uma compreensão coletiva de que o outro faz parte da concretude geral do pequeno território que dominam e vivem.

Todos os participantes foram questionados sobre em que se acham diferentes de outras pessoas que compõe a comunidade. Na resposta, o participante **A** diz que, “cada um é de uma forma”. O participante **B** disse: “Acho que a personalidade”. A participante **C** não soube responder, e o participante **D**, disse: “Sou parecido com todos daqui”. Apesar de terem uma consciência significativa sobre o sentimento de unidade, gerando harmonia no fazer prático do dia a dia, que se configura na solidariedade, percebida principalmente na ajuda mútua e criação das crianças entre as famílias, eles compreendem que são seres singulares na composição de um todo comunitário. Ferreira (2009), diz que a identidade não se reduz a distinguir-se de outros, mas é uma referência sobre a qual as pessoas se formam. Desta forma, nas relações interétnicas as pessoas refutam alguns aspectos simbólicos, vivenciando e protegendo outros.

Na terceira parte do roteiro da entrevista o objetivo foi saber como ocorre à relação dos moradores da comunidade do Borel com pessoas da região do entorno e da zona urbana, assim como tentar identificar nas falas dos participantes possíveis conflitos fundamentados em bases étnicas raciais.

A primeira pergunta foi: Costuma ir com frequência à cidade e para quê? O participante **A**, respondeu da seguinte forma: “Só quando tem precisão, fazer minha feira, fazer meus compromissos, fazer meus documentos, só isso, porque bestar não vou”. O participante **B**, disse: “Vou para resolver algum compromisso, fazer feira, alguma coisa assim”. A participante **C**, afirma: “Sim, para comprar algumas coisas e pegar dinheiro”. E o participante **D** disse: “Sim, resolver alguma coisa, buscar ou levar alguém de moto às vezes” Perguntamos se tinha transporte, ele disse, “não, mas uns dois



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

meninos da comunidade tem moto e empresta quando preciso”. Ou seja, eles compartilham os meios de transporte.

Fica evidente nas falas dos participantes que existe uma dependência muito grande deles com a zona urbana, principalmente do ponto de vista da segurança alimentar, sendo o lugar que adquirem através da compra o suprimento semanal.

Sobre se há dificuldade de interagir com as pessoas da zona urbana. O participante **A**, coloca: “Não tenho, para mim todo mundo lá é igual”. O participante **B**, disse “não há dificuldade”. Já a participante **C** diz ter dificuldades, sem querer apontar quais, e o participante **D**, diz: “Tenho dificuldade de pegar amizade”.

No questionamento se já sofreu preconceito e discriminação, o participante **A** afirma que “nunca”, já os outros três disseram já terem sofrido algum tipo de discriminação. O participante **B**, expõe: “Já né, muitas vezes, mas não me importo”. O que confirma as afirmações de Barth (2011) ao dizer que as fronteiras das unidades étnicas geram atitudes de desrespeito em relação às diferenças do outro. E perguntados se já ouviram falar alguma coisa negativa sobre a comunidade do Borel, dita por pessoas na zona urbana, todos os entrevistados afirmaram que sim. Dois dos participantes da pesquisa não quiseram expor sobre as palavras ofensivas direcionadas aos membros da comunidade. A colaboradora **C**, diz já ter escutado por várias vezes que as pessoas do Borel não prestam. E o participante **D**, expõe: “Sim, falando mal das pessoas que moram aqui, chamando de negros estranhos, bichos do mato e quilombolas”.

Compreendemos que há uma incongruência na fala do participante **A**, que disse não sofrer preconceito, mas que já ouviu pessoas dizerem coisas negativas direcionadas aos moradores da comunidade. Assim, numa análise mais cuidadosa, podemos afirmar que os moradores do Borel são estigmatizados de forma constante nas relações interpessoais e interétnicas. Sendo mal interpretados, sofrendo preconceito, discriminação e racismo. Contudo, expressando uma vontade de compreender os diversos conflitos das fronteiras culturais, se fez necessário abordar como categoria, o termo identidade étnica.

IDENTIDADE ÉTNICA

O que está no bojo das discussões aqui apresentadas é a identidade étnica na formação cultural, assim como as diferenças de costumes e crenças na comunidade do Borel. Daí o nosso interesse pela categoria “identidade étnica” que ajudou fundamentar as discussões a respeito da questão que norteou a pesquisa. A partir dessa perspectiva utilizamos um apoio teórico que concebe a identidade como algo construído na relação com o “outro”, tendo estreita relação com forças de poder e representação. Assim, o estudo encontrou-se apoiado preponderantemente, na teoria da etnicidade relacional e cultural a partir de autores como Fredrik Barth, Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart, Roberto Cardoso de Oliveira, Marise de Santana, Kabengele Munanga, Tomaz Tadeu da Silva e outros.

Através das produções dos teóricos expostos, podemos afirmar que os aspectos sociais, culturais e políticos geram a identidade e o sentimento de pertencimento. Silva (2014) vai dizer que

RECIMA21 - Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

identidade está ligada a representação, tendo conexões com relações de poder. Munanga (1994), ao falar sobre identidade, destaca que é uma realidade sempre presente em todos os grupos, que sempre selecionam aspectos da cultura para contrapor ao alheio. Nesse sentido, passa a ser uma conscientização de como agir e se posicionar diante das construções, tanto grupal, quanto intergrupal. Assim, o conceito de identidade é entendido como um conjunto de aspectos individuais e coletivos que caracterizam uma pessoa ou grupo específico, constituído a partir das interações sociais, e isso se fez evidente em nosso estudo sobre as identidades étnicas dos membros da comunidade do Borel.

Cabe salientar que a premissa aqui apresentada não entende a identidade como uma construção simples, pelo contrário, pode basear-se também em fatores relacionais, econômicos, étnicos e geográficos. De acordo com Cucho (2002, p. 182), “[...] para definir a identidade de um grupo, importante não é inventariar seus traços culturais distintos, mas localizar aqueles que são utilizados para afirmar e manter uma distinção cultural.” Portanto, apesar de sabermos que não há identidades fixas, consideramos que ela não deixa de existir ao passo das horas nos agrupamentos humanos. Ou seja, existe uma permanência das diferenças de identidades. Sendo a localização das assimetrias o que nos fazemos permanecer unidos, mesmo diante das individualidades, numa síntese que opera no dinamismo do contato entre pessoas ou grupos diferentes.

No presente estudo, o que se preconizou de forma explícita foi à importância da construção de uma identidade afro centrada, principalmente em uma sociedade preconceituosa, e que valora de forma positiva, condutas e culturas europeizadas, em detrimento de outras. Sendo a afrodescendência forjada em uma comunidade hegemônica de valores brancos, mas tendo relação com a individualidade, temporalidade, sociabilidade e historicidade (Ferreira, 2009, p. 47). Esses conceitos são instrumentos para podermos compreender como ocorrem as identidades étnicas dos moradores da comunidade do Borel e perceber as modificações e ressignificações ao longo do tempo.

A concepção de identidade enquanto processo de construção e que não se dissocia do ambiente interno ou externo, é essencial para compreensão da dinâmica relacionada à etnicidade. Montes (1996, p. 56), assevera;

Assim, percebemos que é impossível pensar a identidade como coisa, como permanência estática de algo que é sempre igual a si mesmo, seja nos indivíduos, seja nas sociedades e nas culturas. Ao contrário, é preciso pensar que, uma vez que as sociedades são dinâmicas e a vida social não está parada, também a identidade não é só uma coisa fixa, mas algo que resulta de um processo e de uma construção. E não podemos entender essa construção sem o contexto onde ela se dá.

Pela ênfase desta fala, percebemos que o local ou território de vivência constitui um elemento crucial na construção da identidade étnica, que se estrutura na perspectiva da etnicidade. E sobre os processos de compreensão, para Poutgnat; Streiff-Fenart (2011, p.17) consistem em “examinar as modalidades segundo as quais uma visão de mundo “étnica” é tornada pertinente para os atores”. A partir das relações estabelecidas com outras pessoas diferentes, gerando segundo Barth (2011),



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

modificação. Ou seja, é do contato com o outro, que são estabelecidos os aspectos de identidade individual ou coletiva.

A identidade étnica é um elemento crucial para compreender a noção de pertencimento. E no caso específico na comunidade, local do presente estudo, os indivíduos possuem relação com uma gama de significados e atribuições simbólicas, históricas e ambientais com elementos que os cercam.

Por muito tempo, ser suspeito de carregar simbologias ou qualquer resquício de herança genética africana ou afro-brasileira foi vista como algo ruim, como se fossem considerados seres humanos inferiores, diferente de pessoas provenientes da descendência europeia. A afirmativa dessa discriminação é isento de dúvidas, visto que a história já nos aponta evidências suficientes, que de fato ocorreu.

Como exemplo, pessoas foram retiradas contra vontade de vários países do continente Africano e levadas a outras partes do mundo para serem escravizadas, incluindo aqui o Brasil, servindo a toda sorte e desejos de pessoas brancas. Pinsky (2018) coloca que na escravidão, o homem é transformado em propriedade de outro, a ponto de ser anulado seu próprio poder de decisão, podendo ter vontades, mas não as realiza. As atitudes de desrespeito e tentativas de anulação do outro foi perceptível também no período da conclusão deste estudo, que ocorreu logo após as eleições de 2022, momento em que estampavam nos noticiários vários casos de coação por parte dos patrões sobre seus funcionários para votar em candidatos específicos. Práticas que são consideradas da escravidão moderna, e que piora o quadro de exclusão e desigualdade iniciada na colonização.

Aqui no Brasil a escravidão, o racismo e a marginalização, inicialmente imposta aos africanos trazidos pelo poder da força e posteriormente aos descendentes foram ainda mais evidentes do que em muitas partes do mundo, levando-se em consideração o tempo de escravidão, que perpassaram mais de três séculos, sendo um dos últimos países a abolir essa prática, mas que atualmente ainda tenta manter de forma latente os negros brasileiros em uma condição de inferioridade. Contudo, há resistências e lutas por igualdade de direitos de oportunidades, para que se acabe com ações discriminatórias, escravistas e racistas que foram e são estruturadas e institucionalizadas no país, possuindo raízes difíceis de serem removidas.

Diante disso, entendemos como relevante, mesmo falando de uma comunidade de zona rural, trazer no bojo deste trabalho essas questões históricas, porque, o lócus do estudo carrega características de um quilombo, sendo composta por pessoas negras, e serem possivelmente os primeiros moradores do município, e ainda residir em um vale no topo de um entre morros de difícil acesso, mantendo marcadores religiosos específicos. Cabe salientar que não são apenas essas características que define uma comunidade ou agrupamento, seja rural ou urbana como quilombola, podendo ter outros elementos que se soma, e certamente o processo de alto reconhecimento como remanescente de quilombo é uma característica primordial, coisa que não se verifica na localidade estudada.

Compreender que muitos dos agrupamentos de pessoas negras, espalhadas pelas mais diversas regiões do país, corresponde sistematizações de fatos que a história não pode deixar como

RECIMA21 - Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

irrelevante, que foi o transporte forçado de africanos e africanas a terra do pau brasil, os trabalhos e castigos durante a escravidão, assim como a formação de quilombos desde o período colonial, são relevantes, na medida que se torna uma espécie de estratégia para a própria sobrevivência. Pinsky, coloca quê:

Nada mais equívocado do que dizer que o negro veio ao Brasil. Ele foi trazido. Essa distinção não é acadêmica, mas dolosamente real e só a partir dela se pode tentar estabelecer o caráter que o escravismo tomou aqui: vir pode ocorrer a partir de uma decisão própria, como fruto de opções postas à disposição do imigrante. Ser trazido é algo passivo – como o próprio tempo do verbo – e implica fazer algo contra e a despeito de sua vontade (Pinsky (2018, p. 23).

Assumir e não ter vergonha dos traços, característicos e práticas afrocentradas que pessoas ou comunidades possuem, mantem ou carregam, não é e nem deveria ser encarada como sendo algo que diminui o ser humano para uma categoria de raça inferior. Sendo necessária a resistência a essa relação história, tanto pelos negros quanto por pessoas brancas, coibindo a redução de indivíduos a partir de qualquer elemento da diversidade étnica, como fenótipo, origem e cultura.

Se afirmar como sendo afrodescendente pressupõe entender que o negro não precisa se esconder por não pertencer a uma origem europeia branca, pois cada grupo humano seleciona símbolos e características que os unem. Munanga (1994) destaca que a identidade é algo presente em todas as sociedades humanas, e todo grupo, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos de sua cultura para definir a contraposição ao alheio. Confirmando assim o entendimento de que ser europeu é apenas mais um marcador entre tantos outros.

Grupos como a comunidade estudada, necessitam se reconhecer, se é que não o fazem, enquanto grupo étnico singular, com uma ancestralidade ligada aos afrodescendentes e buscar de certo modo fortalecer aspecto da coletividade superando os estigmas que a sociedade ao longo da história os imputaram. Conforme aponta Munanga (1994) a identidade passa a ser para a defesa e proteção. Gerando o conforto da unidade, que pode superar as diversas imposições históricas.

Reconhecer-se enquanto grupo é com certeza valorizar também os signos culturais, mesmo que já tenham sido alterados através das relações sociais englobantes. É evidente que essa luta, qual entendemos acontecer para o fortalecimento da identidade étnica na comunidade do Borel, tanto quanto em qualquer agrupamento brasileiro que sejam compostos majoritariamente por afrodescendentes não deve ser apenas dos negros. Há uma dívida história a ser quitada por todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a marginalização dos negros em vários pontos do planeta, como é o caso de países da Europa, das Américas: do Norte, Central e do Sul.

Muitos não são favoráveis à ideia do respeito, da igualdade de direitos e oportunidades, mas o resultado das disparidades são sentidos por todos, brancos e negros. Daí é que entendemos ser, o bem-estar de todos, mais vantajoso do que o desrespeito, preconceito e racismo. Assim, retornando ao ponto discutido, que é a compreensão da identidade, perceber todas essas demandas em um agrupamento de pessoas que sempre foram marginalizadas tanto pelos moradores da zona urbana quanto pelo poder público local, possibilita-nos repensar práticas que vigora na sociedade, e no caso específico da comunidade do Borel.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

Muitos do próprio grupo sentem-se envergonhados por perceberem que não são vistos como modelo de coletividade admirado, tendo receio até de dizer onde moram, tornando-se relevante essa informação, na medida em que estigmas precisam ser aniquilados. Alguns dos moradores da Comunidade do Borel citam outros lugares próximos da região como localização de suas terras. É como se eles estivessem cometendo práticas horrorosas que os deixam envergonhados em dizer com exatidão o território onde se posicionam, o que nos obriga a fazer o questionamento, sobre o que eles fizeram que incomodam os moradores vizinhos e da cidade? A única resposta fácil é nada. Bom, e se não fizeram nada para os de fora, por que o receio de se posicionar enquanto cidadãos que são, com seus símbolos formadores da pertença, como a cultura e religiosidade?

Fazendo uma analogia da Comunidade do Borel com a sociedade brasileira como um todo, a resposta para essas indagações evidencia-se observando a forma como muitos negros se comportam ainda hoje, com medo dos brancos, querendo ser branco, sempre buscando eliminar da sua estética as características fenotípicas que o aproximam da africanidade. E o convite que fazemos como observadores da Comunidade do Borel é que façamos o inverso disso, que sejamos todos nós mais pretos em todos os sentidos, valorizado o que é construído das relações em contato. Como diz Barth (1969), é preciso, para conhecer uma identidade étnica em particular, levar em conta as experiências formadoras. Isso seria assumir uma identidade como prioridade em contraste com as outras. Segundo Roberto Cardoso de Oliveira, a identidade,

Implica a afirmação do nós diante dos outros. Quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, fazem-no como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente (Oliveira, 1976, p. 5).

Entendemos que para o ser humano ser reconhecido enquanto cidadão, primeiramente deve saber da sua verdadeira identidade. Lógico que se estamos dizendo que existe uma identidade verdadeira, é justamente pelo fato de estarmos o tempo todo buscando uma que não é nossa.

Basta lembrar das incontáveis vezes que encontramos pessoas criticando outras por deixar o cabelo no modelo *blak*, ou porque não está alisado, como das louras holandesas. Quantas vezes não observamos olhares preconceituosos de outros negros ao usarem roupas com características africanas, mas acha comum qualquer negro usar roupas de grifes americanas. Portanto, a falta de alinhamento étnico pode ser deletéria para qualquer comunidade. Contudo, o reconhecimento da pertença desse aspecto pressupõe assumir que a forma de ser de cada um fortalecerá ou inviabilizará as fronteiras de relacionamentos. Poutignat; Streiff-Fenart (2011) colocam como sendo na esfera fechada de interação que se desenvolve as atividades da rede que sustentam a identidade e assim circulam bens e valores, que representam simultaneamente potentes recursos de identificação. Que de maneira geral é o que ocorre tanto na comunidade aqui pontuada, como em outros agrupamentos do país.

Diante dessas colocações, podemos dizer que ficamos ainda mais convictos da importância de nos posicionarmos no que se refere à pertença e identidade étnica, realçando as características da unidade, da estética, do território e religiosidade, principalmente dentro do próprio grupo, onde as



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

relações e práticas similares são frequentemente construídas. Assim; “O que deriva do domínio da etnicidade não são as diferenças culturais empiricamente observadas, mas as condições nas quais certas diferenças culturais são utilizadas como símbolos da diferenciação” (Poutignat; Streiff-Fenart, 2011, p. 129). Condições que podem ser consideradas importantes como realce ou marcador coletivo.

As identidades étnicas com seus símbolos culturais e práticas do cotidiano nas relações sociais, vão construindo as diferenças. O que de certa forma evidencia a visão de irmandade no imaginário social, no sentido de pertencimento que se dá pelo fato de manter e ser responsáveis por estruturas simbólicas comuns. Diríamos que são mecanismos que facilitam a sobrevivência de determinados grupos, sendo os elementos étnicos fundamentais nesse processo.

A comunidade do Borel pode ser muito bem analisada levando em consideração o aspecto da africanidade como componente de identificação. O que pode gerar no imaginário social da coletividade um sentimento de pertença, mas que ao longo do tempo, essas mesmas características veio sendo alteradas nas interfaces do desenvolvimento e conflitos dos movimentos políticos da sociedade capitalista, que busca a todo custo o acúmulo de riqueza, exploração do diferente ou simplesmente relegam a existência de grupos e pessoas, a depender dos aspectos raciais que possuem.

A dinâmica da exploração capitalista foi vivenciada com mais perversidade no passado, o que não significa serem mecanismos inexistentes na atualidade. E sobre isso, de como se deu principalmente as dores iniciais de nossos povos negros ainda na África na iminência de uma diáspora imposta pela elite exploradora, Pinsky nos traz a seguinte informação:

A partir da intensificação do contato com a América, outros produtos passaram a ser trocados por escravos, como o tabaco, a aguardente e o açúcar. Assim, o sistema mercantil nos revela um elemento muito importante de sua perversidade intrínseca: escravos eram adquiridos pelos traficantes em troca de mercadorias produzidas pela força de trabalho escravo; e os novos cativeiros teriam por função reproduzir essa cadeia diabólica (Pinsky, 2018, p. 30).

A captação de pessoas negras em regiões do continente africano estimulava aquilo que era para os traficantes apenas um comércio comum. Desta forma, é de importância singular estar enquanto grupo alinhado em aspectos simbólicos, fortalecendo as características das gerações passadas, mesmo que estas sejam totalmente diferentes das iniciais. Até porque se faz necessário que haja uma ressignificação para superar possíveis fragilidades de resistência vivenciadas no passado ao longo da história.

Possivelmente as resistências étnicas nos encaminham para o reconhecimento de uma possível origem comum como algo pertencente à subjetividade coletiva, sem negar vínculos culturais de um povo com características históricas similares e do parentesco que a genética não deixa se dissipar.

Podemos afirmar que a constituição das identidades é atividade social por excelência, que envolve a individualidade e o coletivo, através das tradições e costumes. Portanto, diríamos que estabelecer critérios que fortaleçam naturalmente a ideia de pertencimento, e o sentimento de fazer



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

parte de um grupo nos auxilia na compreensão da identificação. O que de certa forma não deixa de ser uma preservação da referência étnica através da consciência quando se trata de grupos ou comunidades compostas por pessoas negras, como é o caso do Borel.

Talvez essa ideia de pertencimento a um determinado grupo étnico seja o que vem faltando nas discussões sobre fortalecimento da causa negra mudo a fora. Pois assumir uma determinada identidade é dizer em alto e bom som para uma sociedade racista e preconceituosa como a brasileira, que não se aceitará qualquer tipo de marginalização por diferenças culturais, simbólicas, de origem ou cor da pele. O que equivale não se adaptar as imposições religiosas, sociais ou culturais colocadas pela elite majoritariamente branca, contribuindo na mudança de paradigma e transformação da sociedade. Sendo, para tanto necessário fazer diferente do que ocorreu no passado, onde como escravo, muitos negros cediam por vários motivos aos desmandos da hegemonia.

Pinsky ilustra a imposição, que de certa forma não se tinha lá muitas alternativas de resistência: ao dizer que, “[...] o consolo da religião – acabava sendo aceita pela maior parte dos escravos. Há exceções notáveis aqui, entre as quais a importante revolta dos malês, ocorrida na Bahia, assim como o candomblé e a capoeira como formas de resistência” (Pinsky, 2018, p. 60). O autor ainda continua dizendo:

[...] O chamado sincretismo religioso é uma das formas que distinguem a religião dos escravos daquela dos senhores. Contudo, a legitimação social do catolicismo dos senhores continuava sendo uma eficiente forma de controle social; e valores como conformismo, resignificação e trabalho duro, formas de se chegar ao paraíso celeste, marcavam de maneira indelével a vida cotidiana do escravo brasileiro.

Uma das coisas que os afrodescendentes brasileiros não pode esquecer é esse passado de opressão que viveram, e que faz parte do pacote da resignificação, que é o entendimento de uma origem suposta, de uma africanidade histórica, tendo existido sim tempos difíceis, de marginalização, opressão e escravidão. A partir disso deve-se entender que coletivamente somos mais fortes, mesmo que haja diferenças significativas entre os grupos relacionadas às disparidades culturais e simbólicas, mas que é a identidade étnica que nos junta e fortalece.

Refletindo sobre a identidade étnica ao estudar a comunidade do Borel, assim como observando o conhecimento histórico da situação vivida por pessoas pretas, principalmente no Brasil, nos levam a entender que muito dos conceitos gerados pela sociedade elitizada racista e preconceituosa foi e é com o intuito de acabar com o referencial africano. O que demanda uma percepção também política no que se refere à identificação. Segundo Cardoso (2010, p. 66) “Nos EUA não existe pardo, mulato ou mestiço e qualquer descendente de negro pode simplesmente se apresentar como negro”. Mesmo com uma aparência de branco, a pessoa pode se declarar como negra, pois figura como pretexto não o preconceito de marca como ocorre no Brasil e sim de origem, bastando a suposição de que descende de certo grupo étnico, para alinhamento consensual ou imposição da identidade.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

No Brasil, talvez esse seja o equívoco relacionado às questões identitárias, onde gerações inteiras foram treinadas para entender que há uma mistura de raça, e dessa forma é impossível existir conflito racial e racismo nessa sociedade tão mista. Como afirmou Gilberto Freyre (1957), em Casa Grande e Senzala, de que havia harmonia, e a despeito de outras nações escravocratas, no Brasil teve uma miscigenação pacífica entre negros e brancos.

Esse tema vem se tornando assunto de debates e estudos que mostram quão equivocados são esses discursos, tendo em vista a grande dificuldade que os negros vem enfrentando ainda nos dias atuais. E a comunidade do Borel, como um recorte dessa realidade nos mostra que de fato ser negro em um país com as características que o Brasil possui, que ao longo da história dos seus quinhentos e poucos anos de existência, uma dita elite racial escravizou seres humanos, se torna imperativo a necessidade do reconhecimento de todas essas dificuldades enfrentadas por pessoas negras, assim como também é de fundamental importância possuir armas no sentido de capacitação para enfrentar todas as formas de discriminação.

Como primeiro passo para o fortalecimento da identidade étnica negra, vemos como importante defender a ideia de que somos todos irmãos, descendentes de uma mesma origem comum, e que é a prática das vivências culturais que fortalece o sentimento de pertença, trazendo para além do imaginário do grupo e da individualidade, a noção de que mesmo existindo disparidades simbólicas ainda continuaremos tendo laços que nos une, e singulariza quem pertence ou não ao grupo étnico-racial específico.

Está sendo colocado de forma demasiadamente objetiva o fato de ser necessário assumir uma representação étnica, não para realçar modismo que esporadicamente é percebido em alguns comportamentos humanos, mas para fortalecer esse sentimento de reconhecimento étnico, que traz na subjetividade, a racionalidade de que juntos há fortalecimento na representação da diferença. Tomaz Tadeu da Silva chama atenção para o fato de que:

A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendido, que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso dizer: “essa é a identidade”, a identidade é isso” (Silva, 2014, p. 91).

Diante do exposto, e das conversas e observações feitas no lócus do presente estudo, reforçamos ainda mais o entendimento de que é fundamental para os moradores da comunidade do Borel reconhecer os elementos que compreendem e fortalecem a identidade, colocando como algo construtivo na marcação da diferença, sendo necessário para tanto assumir nas representações diárias, individuais, coletivas e os símbolos que estruturam as vivências culturais do grupo.

IDENTIDADE E RECONHECIMENTO NO BOREL

A comunidade do Borel, com todas as suas características enquanto agrupamento de pessoas com vínculos familiares e com uma religiosidade sincrética vinculada aos conhecimentos dos moradores mais velhos, nos traz ao palco das discussões a função e importância da identidade e do



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

reconhecimento étnico como primordial e que se estrutura pelo viés dos símbolos históricos repassados de geração em geração, fruto da seleção natural ou como diz Munanga (2012) pelos sinais diacríticos como atributos selecionados a partir do seu complexo cultural – religião, política, entre outros. Usados como mecanismos de diferenciação em relação a pessoas ou grupos.

Refletindo sobre os dados da pesquisa na comunidade do Borel, compreendemos que os símbolos que são repassados naturalmente pelo viés cultural foram atribuindo singularidades que são reconhecidos pelos interlocutores da vivência, e ao mesmo tempo, classificando aqueles que podem ser recolocados pelos sistemas de significação em outros espaços subjetivos. Silva (2014) afirma que a identidade e a diferença estão estreitamente ligadas a sistemas de significação. É o “eu” cultural socialmente construído ou atribuído.

A cultura e as vivências sociais dentro da comunidade, assim como relações com pessoas de outras localidades definem de forma gradual as expectativas impostas por cada contato, mas ao mesmo tempo gera uma significação, que recoloca cada espectro étnico, positivo ou negativo que se estrutura nos sistemas linguístico e religioso.

No estudo com membros do Borel, o percebido foi que as vivências linguísticas e religiosas apesar da dificuldade de serem expostas aos pesquisadores, recoloca cada um em seu devido lugar, ajudando a estruturar ou reestruturar a unidade enquanto coletivo, estabelecendo a identidade étnica através de símbolos místicos marcadores da diferença, o que revela personalidades e afinidades.

A história do país, em um contexto mais amplo nos mostrou que as operações simbólicas impostas se deram quase sempre pelo preconceito e discriminação, reforçando a marginalização da identidade de afrodescendentes. Mas a discussão neste trabalho não foi para favorecer a discórdia ou estimular o unitarismo, e sim valorizar o respeito, a diversidade de vivências culturais e definidoras do reconhecimento e da pertença.

O reconhecimento assim como a representação são fundamentais por parte da comunidade do Borel para que sejam desenvolvidos, propagados e ressignificados os símbolos culturais propositivos que pode marcar a unidade e diversidade no ceio da mesma, o que entendemos já acontecer. Hall (2003) vai dizer que à representação é o processo pelo qual pessoas membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. Possibilitando que seja identificada uma posição ideal dentro do grupo, assim como pelo grupo ser identificado. Gerando afinidades e afastamentos na diversidade.

Silva (2014) põe que a diversidade biológica pode ser um produto da natureza; e que não se pode dizer o mesmo da diversidade cultural. Portanto, cada povo, cada comunidade, cada agrupamento de pessoas criam nas relações interpessoais simbolismos capazes de produzir culturas diversificadas. O que deveríamos todos aplaudir e de certa forma fomentar tanto em ações, quanto por comportamentos e representações.

Sobre identidade, deve ser estimulado o ambíguo, em vez do conhecido. Enfim, favorecer toda experimentação que torne difícil o retorno do eu e nós ao idêntico (Silva, 2014). Ser negro ou pessoa étnica específica “[...] não é uma categoria de essência numa direção à homogeneidade, existe um conjunto de diferenças históricas e experiências que devem ser consideradas e que



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

localizam, situam e posicionam o povo negro” (Hall, 2003, p. 345). A diversidade de culturas, de práticas e também de identificação, representam um aporte balizador diante das questões sobre pertença em comunidades com características peculiares. Portanto existe da nossa parte a defesa do respeito à pluralidade.

Pensamos não ser fácil descrever os aspectos culturais de nenhuma comunidade. O conteúdo cultural dos grupos étnicos não é derivado de qualquer lista descritiva, mas acham-se pertinentes nas práticas (Poutignat; Streiff-Fenart, 2011). Contudo, não se refuta a representação de símbolos culturais na definição e amadurecimento de um povo, e conseqüentemente de suas características de identificação.

A cultura dos agrupamentos humanos, principalmente com características parecidas aos moradores da comunidade do Borel, deve passar pelo crivo de reflexões, ou na nossa análise corre-se o risco de reproduzir a vontade de uma elite financeira e política que a todo custo tenta impor selos que separa e classifica quem é ou não negro, pobre e favelado, e que ao mesmo tempo cria privilégios. Sobre isso, Almeida (2019) expõe que a cor da pele ou formato do rosto tem sido dispositivos materiais de classificação racial que vem incidindo em distribuição de desvantagens e privilégios políticos, econômicos e afetivos. Gerando circunstâncias históricas e culturais que culminam em práticas racistas ainda em vigor.

Nesse âmbito, não há como falar de identidade e reconhecimento sem admitir ser necessário avançar no sentido da superação do racismo imposto por um grupo étnico, com suas formas sofisticadas de discriminação e dominação que ainda existe em nosso país. Exigindo por parte de todos, negros e brancos análises mais críticas da situação social, política e cultural de pessoas negras que vivenciam marginalizações.

O que deve ser feito é a reflexão se as culturas vivenciadas são construções históricas elaboradas e reelaboradas pelos personagens dos próprios grupos ou são imposições colocadas pela estrutura econômica e política hegemônica. Talvez esse seja um dos questionamentos mais árduo de toda discussão sobre identidade e reconhecimento, pois perpassa as vivências culturais impostas ou não, e refletir sobre isso não é uma tarefa simples.

Compreendemos como vantajoso estudar ou refletir sobre identidade e reconhecimento em uma dada comunidade por ser libertador no sentido de proporcionar o entendimento e posicionamento diante das demarcações impostas pela elite brasileira. Demarcações estas que sempre foi uma estratégia para marginalizar pessoas negras das políticas econômicas, sociais, educacionais e de saúde, sendo isto uma verdade incontestável haja vista todo o percurso histórico do país. Djamila Ribeiro afirma que:

[...] a sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior (Ribeiro, 2019, p. 11).

Ribeiro (2019) ainda coloca como sendo importante debater sobre as estruturas construídas para a manutenção de privilégios e demarcações dos grupos inferiorizados.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

Um dos aspectos fundamentais para entendermos a realidade ao qual estamos inseridos é a compreensão da perspectiva histórica, que no caso dos negros, como os membros da comunidade do Borel, alinha-se por todos os sofrimentos trazidos com colonialismo e consequentemente pela escravidão.

Todo o sofrimento e marginalização sofridos ao longo do tempo pelos afro-brasileiros nos convocam a encarar uma realidade adversa, para que haja o fortalecimento da identidade e do reconhecimento étnico, de forma que colabore para a construção de uma sociedade fortalecida e sem estigmas preconceituosos.

Nossa compreensão é que muitas das vezes a falta de reconhecimento étnico e também de identidade se dá não só pelo viés das práticas culturais que são esquecidas durante o percurso histórico, mas também através da passividade e falta de crítica pela empiria de nossas ações, o que de certa forma nos coloca como opressores de nós mesmos. No livro, o pequeno manual antirracista, Ribeiro (2019), diz que é necessário matar o opressor que há em nós, e isso não é feito apenas dizendo ser antirracista: é preciso fazer cobranças. O que fazemos ou vivenciamos pode ser imposições para permanência de estigmas que nos coloca em posição de atrasos de direitos, preservando a discriminação e racismo. Sendo necessária a autoconsciência da situação social vivida por cada afro-brasileiro.

Diríamos que a cobrança mais válida nesse caso deva ser dirigida principalmente para nossa consciência enquanto pretos e pretas que por séculos foram maculadas com ideologias sempre voltadas para o esquecimento das heranças culturais, religiosas e familiares. Pode-se dizer que qualquer agrupamento de pessoas com característica afro-brasileira, como é o caso da Comunidade do Borel, sofrerão múltiplas recriminações, pelo fato de serem negros e também minorias no sentido de acesso a educação de qualidade, saúde e todos os tipos de políticas públicas. No entanto, nossa luta enquanto pesquisadores e negros é contribuir não para uma adaptação ao sofrimento imposto pela elite, que por sinal vem de longas datas, mas para que haja uma emancipação das imposições e consequentemente da valorização da cultura própria, colaborando para construção de uma sociedade que respeita a alteridade.

A elite brasileira, desde os primórdios do período colonial impuseram através da força, da repressão um lugar de inferioridade a um grupo étnico-racial, que na lógica mercantilista transformou milhões de seres humanos em mercadoria, gerando inconformidades em vários momentos. E mesmo estando no século XXI ainda se vê grupos étnicos diversos como sendo se não mercadorias, algo a ser combatido, menosprezado e marginalizado. Esta é uma situação histórica e uma prática presente desde o início da colonização, como podemos perceber na fala de Pinsky, em seu livro sobre a escravidão no Brasil:

O escravo era batizado logo que chegava ao seu local de trabalho – fazenda ou cidade – recebendo um nome “cristão”. Devia esquecer a forma pela qual era chamado no seu lugar de origem. A atribuição de um novo nome e o batismo representavam a transformação do cativo em escravo, isto é, o início do trabalho compulsório (Pinsky, 2018, p. 60).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

Assim, muitos escravos associavam a religião europeia predominante como uma estrutura de poder que os diferenciava e inferiorizava enquanto ser. O dia a dia do escravo refletia sua condição de existência e variava bastante, dependendo das especificidades do trabalho (Pinsky, 2018). Falar sobre identidade e reconhecimento na atualidade, é partir de uma realidade que não se inicia agora, no presente, mas remonta a forma como nossos antepassados viveram, além de retirados do seu território de origem, foram massacrados por uma lógica imperialista que diminuiu seres humanos para lucrar financeiramente.

Estudo como este serve em nossa análise para além de refletirmos sobre a condição de pessoas negras, mas concretizar um fazer prático cotidiano que transforma pessoas, grupos e minorias em ativos de sua própria história e exemplo para as futuras gerações. Validando a compreensão na contemporaneidade sobre o tema identidade étnica e reconhecimento no sentido da colaboração de pertencas significativas, tanto na comunidade do Borel, quanto em grupos étnicos em outras latitudes.

Cada um, seja de forma coletiva ou individual busca uma identidade para dizer o que quer ser, mais do que necessariamente dizer o que é, justamente por que afirmar o que se é em tempos de prematuridade ficou difícil, onde as coisas deixam de ser de forma apressada, ou simplesmente caem em desuso rapidamente. Mas algo não se pode negar, é que somos sempre o que construímos, sendo, portanto, dessa forma que nos identificaremos e seremos reconhecidos. Ou seja, estamos absolutamente em movimento, dessa forma não é diferente a cultura, identidade e fronteiras com as quais temos contato, que realça a pertença daqueles que compartilham vivências em sociedade, das mais simples que sejam as mais complexas. Segundo Poutignat; Streiff-Fenart (2011, p. 167):

O realce da identidade étnica exprime-se, assim, inicialmente através de um rótulo étnico entre outros meios possíveis de identificação das pessoas. É apenas depois de ter selecionado esse rótulo (depois que a etnicidade foi realçada pelo procedimento mesmo de sua seleção) que os comportamentos, as pessoas, os traços culturais que eles designam surgem quase naturalmente como “étnicos”.

Compreendemos que aquilo que identifica os membros da Comunidade do Borel, assim como todos de outros grupos, seja de zona urbana ou rural, de pessoas dos centros das cidades ou das periferias é o que cada agrupamento movimenta. E com certeza há relação com a territorialidade de cada povo, da cultura, do fazer prático e da religiosidade.

Todas as características que nos identifica enquanto grupo étnico leva em consideração aspectos que não pode e nem deve passar despercebido, e algumas das características fortes, pelo menos tem sido ao logo da história na comunidade do Borel é a crença no imaginário social de uma herança africana e a religiosidade. E isso é de acordo com as postulações de Poutignat; Streiff-Fenart (2011), que asseveram ser o termo grupo étnico entendido para designar uma população que se perpetua biologicamente, que compartilha valores culturais. Desta forma, mesmo em um mundo fluído e acelerado, é fato que as diferenças culturais e étnicas continuam existindo, pois é algo que se constrói no biológico e relações entre nós étnicos e eles. Portanto a identidade não serve para os



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

grupos apenas por servir, mas também para diferenciar e muitas vezes provocar indiferença. As diferenças são percebidas na forma de se produzir relações.

Lembrando que esses mesmos antagonismos são criadores ou provocadores de unidades. Os comportamentos podem ser avaliados na medida de seus valores comuns, e os grupos étnicos mantêm unidade apesar das divergências das culturas (Poutignat; Streiff-Fenart, 2011). Existindo símbolos culturais que podem fortalecer a etnicidade e conseqüentemente unidade das coletividades, e de certo, as crenças religiosas talvez seja um dos marcadores que mais diferenciam aqueles que abraçam a pertença afro-brasileira.

CONSIDERAÇÕES

As pessoas que participaram como amostragens na pesquisa revelaram que apesar das dificuldades que enfrentam, não perdem o sentimento de unidade no fazer prático, com símbolos significativos. A partir do estudo, pode-se afirmar que as identidades étnicas entre os membros da comunidade do Borel são construídas por símbolos culturais voltados a religiosidade que se manifesta no dia a dia, presente tanto nas histórias contadas pelos moradores, quanto nos ambientes das residências deles. Outro aspecto relevante percebido na pesquisa é que a base da identidade étnica dos membros do Borel ocorre também pela relação de parentesco, estritamente vinculada à evolução demográfica do território ocupado e ao pertencimento.

No que se refere ao quesito religioso, há uma ausência de festejos na atualidade, que antes eram desenvolvidos na localidade por antigos moradores, como as rezas de ladainhas, sambas, uso de tambores e festas em devoção ao Bom Jesus e Cosme e Damião, que ocorriam entre setembro e outubro.

A pesquisa mostrou que existem referências negativas por parte dos moradores da zona urbana, relacionadas aos membros da comunidade do Borel. E são utilizadas como apreciação da identidade social desse grupo, expressando práticas comuns e cotidianas de discriminação e preconceito. Mas que, os membros da comunidade, através de uma lógica da contradição, se apropriam positivamente de uma avaliação que estigmatiza, e constroem identidades relacionadas ao pertencimento a uma família específica e a ocupação de um território exclusivo.

A referência dos moradores da comunidade ao passado histórico dos mais velhos e os laços de reciprocidade e solidariedade que os unem, criam um sentimento de participação comunitária e de identidade étnica ainda no presente contexto. Mas é de se observar também, que a partir dos próprios códigos internos da cultura, há dificuldade de demonstrar, dado as relações conflitantes com os de fora, nos permitindo identificar que a comunidade se configura como uma espacialidade diferenciada, e com um modo singular de interação em uma sociedade mais global e de classes. Soma-se a isto, a ausência de políticas públicas eficazes, e que atenda a demanda da comunidade, favorecendo a efetivação de uma condição subalternizada dos moradores da localidade.

Por fim, a pesquisa, respondendo ao problema: Como ocorrem as identidades étnicas entre os membros da comunidade do Borel, nos apontou, e assim consideramos que a origem familiar, o território, o sentimento de unidade e a religiosidade vivenciada são os pontos centrais na construção



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

da etnicidade entre os moradores. E aqui, em nossa compreensão, a religiosidade não é determinante na caracterização da identidade étnica, mas não pode, contudo, ser ignorada nem relegada, pois os símbolos religiosos são significativamente presentes.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BARTH, F. **Ethnic groups and boundaries**: the social organization of culture difference. London: George e Allen & Unwin, 1969.

BARTH, F. Grupos Étnicos e suas fronteiras. *In*: POUTIGNAT, P. **Teorias da etnicidade**. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth, Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenard. Tradução de Écio Fernandes. 2ª. Ed. São Paulo: UNESP, 2011.

BISPO, J. S. Caminhos da religiosidade afro-brasileira na construção da dominação carismática de Maria Bacelar. **Revista Brasileira de História das Relações**, ANPUH, Ano IV, n. 11, set. 2011. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreliqiao/index.html> Acesso em: 04 dez. 2020.

CALHEIROS, F. P.; STADTLER, H. H. C. Identidade étnica e poder: os quilombos nas políticas públicas brasileiras. **Revista Katálysis [online]**, v. 13, n. 1, p. 133-139, 2010. <https://doi.org/10.1590/S1414-49802010000100016>. Acesso em: 28 out. 2021.

CARDOSO, S. A. **Geolinguística**: Tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

COHN, C. Culturas em transformação: os índios e a civilização. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 36-42, apr. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200006&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 25 jan. 2021.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

EARTH. APP. **Comunidade do Borel em Itagi-BA**. [S. l.]: EARTH, s. d. Disponível em: <https://earth.app.goo.gl/?apn=com.google.earth&isi>. Acesso em: 22 dez. 2021.

FERREIRA, R. F. **Afro-descendente**: Identidade em Construção. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

FREYRE, G. **Casa Grande e Senzala**, Livros do Brasil. 1957.

GEERTZ, C. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Tradução: Vera Joscelyne. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HALL, S. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MEIHY, J. C. S. B.. **História oral**: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. p. 204. *E-book*. ISBN 85-85676-84-1. Disponível em: <http://books.scielo.org>.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

IDENTIDADE ÉTNICA E RECONHECIMENTO NA COMUNIDADE DO BOREL EM ITAGI-BA
Alessandro de Jesus Santana

MONTES, M. L. Raça e identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia. *In*: SCHWARCZ, Lília Moritz; QUEIROZ, Renato Silva (Org.). **Raça e diversidade**. São Paulo: EDUSP, 1996.

MORIN, E. **Complexidade e transdisciplinaridade**: a reforma da universidade e do ensino fundamental. Natal: Editora da UFRN, 2000.

MOURA, G. **Festa dos quilombos**. Brasília, DF: Ed. UNB, 2012.

MOURA, G. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, K. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil: *In*: SPINK, Mary Jane Paris (Org.). **A cidadania em construção**: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994. p. 177-187.

O` DWYER, E. C. **Identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro. Co-edição: Associação Brasileira de Antropologia: Editora FGV, 2002. Disponível em; <https://books.google.com.br>. Acesso em: 12 out. 2021.

OLIVEIRA, F. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

OLIVEIRA, F. Os (des)caminhos da identidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** [online], v. 15, n. 42, p. 07-21, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092000000100001>. Acesso em: 28 de out. 2021.

OLIVEIRA, F. Ser negro no Brasil: alcances e limites. **Estud. av.**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 57-60, abr. 2004. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100006>. Acesso em: 12 abr. 2021.

PINSKY, J. **A escravidão no Brasil**. 21. ed. São Paulo: Contextos, 2018.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da Etnicidade seguidos de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAGI. História do Município. **Itagi**, 03 jan. 2019. Disponível em <https://www.itagi.ba.gov.br/detalhe-da-materia/info/historia/6508>. Acesso em: 01 out. 2021.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa Tomo I**. Campinas: Papyrus, 1994.

SANTANA, A. J.; BARBOSA, A. A. L. Reconhecimento e pertença étnica dos afro-brasileiros no contexto das relações. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, [S. l.], v. 3, n. 10, p. e3101975, 2022. DOI: [10.47820/recima21.v3i10.1975](https://doi.org/10.47820/recima21.v3i10.1975). Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/1975>. Acesso em: 7 jan. 2023.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVEIRA, É. S. História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. **MÉTIS: história e cultura**, v. 6, n. 12, p. 35-44, jul./dez. 2007.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.